

Monitoramento aprimora prevenção de desastres no Rio Grande do Sul

A meteorologista Natalia Pereira revela que a maior parte dos clientes da Catavento Meteorologia são oriundos do setor privado. Ainda assim, a empresa oferece serviços para prefeituras de diversos municípios, principalmente no Rio Grande do Sul. Dentre eles, está o município de Porto Alegre: desde janeiro de 2025, a Catavento oferece serviços de previsão e monitoramento meteorológico à Defesa Civil do Município.

Segundo Evaldo Rodrigues de Oliveira Júnior, secretário executivo da Defesa Civil de Porto Alegre, esse serviço não existia antes de 2019. Então, o órgão dependia de informações meteorológicas oficiais, de nível federal e estadual. No entanto, pelo tamanho do município, diferentes características e microclimas, surgiu a necessidade de um monitoramento mais preciso.

“Isso veio num pacote de reestruturação da Defesa Civil de Porto Alegre. Foi um dos itens, um dos pilares da nossa reestruturação, a questão do monitoramento de risco. Tanto é que nós criamos um Centro de Monitoramento e Alerta da Defesa Civil de Porto Alegre”, conta. Para isso, a Defesa Civil precisava, evidentemente, de profissionais de áreas como meteorologia, hidrologia e geologia, inexistentes no quadro funcional da prefeitura. A solução foi recorrer às empresas privadas.

Assim, instaurou-se a licitação vencida pelo consórcio

Catavento e Arvut Monitoramentos Hidrometeorológicos. O contrato tinha previsão inicial de 12 meses de serviços a um total de R\$1.389.996,00. Posteriormente, o contrato foi prorrogado até janeiro de 2027. A licitação, vale ressaltar, teve início em outubro de 2024, meses após a enchente de maio daquele ano, uma das maiores catástrofes climáticas da história do Estado, episódio que pôs em evidência e sob dúvidas a capacidade preventiva do poder público diante de eventos extremos.

Atualmente, conforme o secretário, a Defesa Civil de Porto Alegre conta com os serviços meteorológicos 24 horas por dia. “O monitoramento meteorológico, hidrológico e geológico hoje é matéria-prima para a Defesa Civil. Tanto para que nós, poder público, possamos nos preparar para um evento que se preveja, quanto para a gente anunciar para a população e emitir alertas cada vez mais precisos”, destaca.

A necessidade de precisão é destacada pelo secretário, assim como a possibilidade de disponibilizar à população alertas com a antecedência adequada para que as pessoas possam tomar medidas efetivas de proteção. Evaldo explica que, hoje, a Defesa Civil pode emitir alertas para diferentes partes da cidade a depender do risco de determinado fenômeno.

“Porque Porto Alegre tem microclimas. Agora, imagina um órgão federal dando um alerta



Defesa Civil de Porto Alegre conta com serviços precisos para emitir alertas e agir preventivamente

para todo o estado do Rio Grande do Sul? Já aconteceu de ventar a 100 km/h na Região Sul e ventar a 10 km/h na Região Norte. Já aconteceu de chover 60 milímetros na Região Norte e chover 4 milímetros na região mais ao sul da cidade. Depende de como o sistema cruza o nosso município. E os nossos meteorologistas enxergam isso”.

A informação mais localizada também alterou a logística das equipes, segundo Natalia. A meteorologista da Catavento afirma que hoje, em vez de deslocar preventivamente viaturas para as áreas de risco sempre que co-

meça a chover, o monitoramento personalizado permite o melhor direcionamento a depender do risco identificado.

“Muda completamente a gestão, independentemente se é de uma prefeitura, se é de uma entidade privada. Muda como vai organizar a operação, porque se tem uma informação extremamente detalhada e precisa daquilo que vai acontecer”, afirma a sócia-diretora da Catavento.

Quanto ao montante de quase R\$ 1,4 milhão em serviços de monitoramento, o Secretário Executivo da Defesa Civil de Porto Alegre acredita que o retorno tem

justificado o investimento.

“Vem embutido nesse contrato uma plataforma que nós estamos disponibilizando para a população. Tudo o que enxergamos dentro do Centro de Monitoramento e Alerta, devolvemos para a população através da plataforma POA Clima. Estamos falando de R\$ 1,4 milhão, mas nós temos cinco meteorologistas, nós temos uma hidróloga, uma geóloga, disponíveis, é claro, dentro de uma escala de serviço, 24 horas por dia. Isso tem um custo. Agora, é inegável o crescimento que nós tivemos a partir desse contrato”, descreve.

Cenário pós-enchente alerta para investimentos em prevenção

Estael Sias, da MetSul Meteorologia, acredita que ainda falta eficiência no planejamento de avisos e alertas das Defesas Cíveis. Segundo a meteorologista, enquanto os alertas da Defesa Civil do Estado são genéricos demais, sem especificidade de município, o que prejudica a orientação, as Defesas Cíveis municipais são majoritariamente estruturadas para socorro e não para prevenção.

“Muitas vezes um alerta SMS é muito pouco. Talvez seja o que é possível em nível estadual, mas, em nível municipal, a parte preventiva está muito longe do ideal. No mínimo, os municípios precisam se estruturar mais dentro dessa visão de alerta, daquilo que realmente chama de alerta, que é: dizer o horário e o local, para a pessoa entender aquela informa-

ção e entender o que ela tem que fazer. Porque também não adianta eu receber o alerta, o aviso, se eu não faço a menor ideia do que faço com aquela informação”, pontua.

Além disso, a procura pelos serviços meteorológicos ganhou impulso principalmente após a enchente de 2024, seja em forma de consultorias especializadas, seja com a aquisição de equipamentos próprios para monitoramento. “Até 2024, percebíamos que os municípios, principalmente, viam isso como: ‘Vamos ver se vai chover’. Colocavam alguém da área mais técnica da prefeitura, para ficar responsável por essa informação. Mas, depois de 2024, viram que não é brincadeira e que a informação precisa ser precisa e a análise do risco precisa ser

técnica. Hoje não tem mais como: ‘Vamos entrar aqui na internet e ver se chove amanhã ou não’. Essa informação hoje já não serve mais”, afirma Natalia Pereira, da Catavento.

Estael, por outro lado, destaca o investimento de empresas para ter o próprio monitoramento. “Muitas delas não puderam mudar a localização da sua fábrica, da sua sede, por questão estratégica ou por questão de investimento, que seria muito mais alto. Então elas tentaram, por conta própria, fazer uma adaptação ali, uma mitigação. Remodelaram áreas sensíveis que não podem pegar água para andares superiores, por exemplo. Alguns até botaram comportas para impedir ou para retardar a chegada da água. O setor privado, aqueles

que têm poder aquisitivo, fizeram um baita investimento. E eles estão agora, diante desse El Niño, contratando um serviço de monitoramento exclusivo, para que eles possam já ser independentes da Defesa Civil”, revela. Em novembro de 2024, um relatório conjunto da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Grupo Banco Mundial estimou em R\$ 88,9 bilhões os efeitos e impactos das inundações no Estado: 69% (R\$ 61 bilhões) correspondentes ao setor produtivo; 21% (R\$ 19 bilhões) aos setores sociais; 8% (R\$ 7 bilhões) à infraestrutura; e 1,8% (R\$ 1,6 bilhão) ao meio ambiente.



Meteorologista Estael Sias, sócia-diretora da MetSul Meteorologia



Natalia Pereira é meteorologista e fundadora da Catavento Meteorologia